

R. Burle Marx

NA PINTURA



EXPOSIÇÃO EM HOMENAGEM
AOS 80 ANOS DO ARTISTA.



Guaratiba 2.75 x 2.00 m

Foto: Haruyoshi Ono

“O que Roberto Burle Marx visa é penetrar cada vez
mais no interior da matéria, levando-nos amorosamente
com ele ao coração desse mundo infinito, inesgotável”.

Lélia Coelho Frota

de 21/09 a 08/10
2ª à 6ª de 10:00 h às 22:00 h.
Sáb. e Dom. de 10:00 h às 18:00 h.

R. Jardim Botânico, 414
Parque Lage

Apoio Cultural:



BANCO DE INVESTIMENTO E FINANCIAMENTO



ESCOLA DE ARTES VISUAIS

Sub-secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Cultural:



P R O P A G A N D A

A busca da liberdade em Roberto Burle Marx é precoce: aos vinte anos, no Jardim Botânico de Dahlem, Alemanha, ele rompe com o antes escolhido destino da música para voltar-se em definitivo para o universo da forma e da cor, onde pintura e paisagismo não deixarão de entrelaçar-se, desempenhando no entanto papéis diversos e constituindo atividades autônomas em sua trajetória artística.

O seu trabalho, suscitado em 1928 pela forma e pela cor das plantas brasileiras no Jardim Botânico de Dahlem, terá desde o início a marca da preocupação social, do coletivo, pois logo ao voltar ao Brasil Roberto projeta jardins para o Recife e para o Rio de Janeiro, rompendo, como bem observa José Tabacow, “com o servilismo europeu na maneira de compô-los” e dando “a partir daí, uma contribuição inquestionável na definição do próprio jardim moderno”. Uma retomada da realidade próxima, uma recuperação criativa do pomar e demais soluções denominadas de “quintal”, de “sítio” e de “roça”, que correspondem às pequenas e médias áreas da propriedade privada, mesmo que de localização urbana, apontadas pelo próprio Burle Marx em seu livro *Arte e Paisagem* (Nobel, 1987), situam-no como um modernista brasileiro que, a partir dos anos 30, repensa em termos renovadores o passado do país, exatamente como o fizeram Carlos Drummond de Andrade, Villa Lobos, Lucio Costa, Mário de Andrade, entre tantos outros.

Também na pintura e na gráfica se revela o empenho de Burle Marx para traduzir em termos brasileiros uma nova imagem de mundo. Segundo seu próprio depoimento, foi grande sobre ele, ainda na Europa dos anos 20, o impacto da pintura de Van Gogh, seguido depois pelo das obras dos expressionistas alemães. Além de definir um tropismo pela cor e pela figura, tais afinidades convergem mais uma vez para a vertente do social, da solidariedade humana, que fundamenta ainda o permanente interesse de Burle Marx, ao longo de toda a sua vida, pelas manifestações criadoras de fonte popular, desde um espetáculo de mamulengos até os chorinhos cariocas ou as cerâmicas do Vale do Jequitinhonha, os ex-votos, as carrancas, a pintura dos internos em penitenciárias. Não pára portanto na admiração pelas estéticas próprias das camadas de baixa renda o interesse de Roberto pelo universo popular. Ele está presente na sua bela pintura realista dos anos 40, que mostra retratos de negros e negras e representa bairros antigos empobrecidos, em perfeita

coerência com a sua ótica de artista e de pessoa.

Contudo, ao lado dos tipos humanos, e dessas arquiteturas urbanas, coexiste sempre o tema da natureza, através das extraordinárias composições com flora brasileira.

Nos anos 50, Roberto passa pela informação cubista de Braque e Picasso, elaborando a partir de então uma obra bi-dimensional que foi considerada abstracionista até a revelação intuitiva do seu grande crítico-poeta, Clarival do Prado Valladares, que a meu ver acertadamente a qualifica de figurativa, em textos dos anos 70. Neles, fica claro ter cabido a Burle Marx desenhar a trama do mundo vegetal, em cortes de grande profundidade, que retratam a “estrutura íntima dos elementos visados in natura. “Roberto, assinala Clarival, “ao superar os protótipos vegetais, com padrões e modelos compositivos, alcançou um nível de *arquetípia biomórfica*, descoberta da trama da floração, da folhagem e das raízes, que de fato constituem as imagens da sua vivência, como artista e botânico”.

Daí entendermos agora plenamente que Roberto Burle Marx não está interessado no conceito moderno-renascentista de “originalidade” em seu trabalho, conforme nos diz com todas as letras à página doze de *Arte e Paisagem*. A sua posição em relação à própria obra faz-nos lembrar antes as posturas em relação à autoria vigentes da Antiguidade Clássica, ou mesmo a ótica oriental onde há a repetição, infinita e variada, da cor, das formas, enfim de um *eidos* (algo a que a vista dá acesso, forma que figura um significado), que transfigura pela sua própria reincidência, de acordo com um processo quase ritual, a essência mesma do mundo dado. No caso de Roberto, a própria natureza.

O que Roberto Burle Marx visa é penetrar cada vez mais no interior da matéria, levando-nos amorosamente com ele ao coração desse mundo infinito, inesgotável. É esta a sua proposta no desenho, na pintura, na gravura, nos panos pintados, autônoma da sua produção tridimensional de paisagista, que dá conta de um espaço abrangente, total.

A obra bi-dimensional evidencia quase sempre mergulhos minimalistas, ou microscópicos, no fulcro mesmo do mistério vegetal. Haverá, naturalmente, elementos que estejam presentes, individualmente, no desenho da obra tri e da obra bi, mas com uma ótica, uma composição e um designio totalmente diversos. No caso do desenho dos jardins, denominados pelo

artista de *objeto-paisagem-construída*, há o olhar amplo do arquiteto, organizador racional, segundo uma ótica de quase perspectiva aérea.

No segundo caso, o do que ele denomina de *objeto-pintura*, há o vôo “cego” do mergulho profundo, radiográfico, na trama das fibras e na mancha das cores. Roberto Burle Marx faz da sua obra plástica bi-dimensional a *room of his own*, um lugar voltado para dentro, que se contrapõe harmoniosamente à arte pública dos jardins, exteriores, coletivos. Mas mesmo esta arte de câmera teve na obra permeada de humanidade de Roberto Burle Marx uma grande e generosa expansão em direção ao coletivo, sem com isso nada perder da sua especificidade. Seus painéis em concreto, em granito, em vidrotil, em cerâmica, em azulejo pintado, desenvolvidos ao longo de mais de quarenta anos, estão em espaços coletivos tão variados como hospitais, clubes esportivos, fábricas, bancos, centros cívicos, acessos de edifícios, hotéis, sedes de TV, abadias, institutos de ciência como Manguinhos, centros de puericultura, universidades.

É uma alegria poder apresentar uma exposição deste cidadão do mundo e habitante do Rio de Janeiro na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, lugar tão marcado pela presença da pintura nesta década, e ao mesmo tempo inserido fisicamente em uma das paisagens mais bonitas da cidade, na envolvência da vegetação tropical.

Lugar de criação e lugar dos jovens, lugar de mão-dupla de aluno-professor e professor-aluno, o Parque Lage se adequa como poucos espaços para mostrar a pintura dos anos 80 do jovem mestre Roberto Burle Marx.

Ao mesmo tempo que oferece uma oportunidade de âmbito nacional para que se repense e se reveja com seriedade a sua obra plástica e gráfica, que ainda deve ser analisada com um olhar que requer o descondicionalismo do historicamente já visto, à altura do vôo da criação de um artista universal, que abriu com uma proposta inovadora, lançada como uma seta para a frente do tempo, um caminho projetivo a partir de um país latinoamericano, em pleno coração da crise atual do Ocidente.

Lélia Coelho Frota

Vernissage dia 21 de setembro às 21:00 hs.

Escola de Artes Visuais do Parque Lage.